

#cm
2

QUINTA-FEIRA

DE BRAÇOS ABERTOS PARA O CINEMA



ENQUANTO O BRASIL AGUARDA A HORA DO VOTO, AS SALAS DE CINEMA CARIOCAS VIRAM UM ESPAÇO DE DEMOCRACIA E POESIA COM A 28ª EDIÇÃO DO FESTIVAL DO RIO, QUE ABRE SUAS ATIVIDADES NESTA QUINTA. NOSSO CRÍTICO RIDRIGO FONSECA MONTOU NAS PÁGINAS 2 E 3 UM ROTEIRO COM TÍTULOS INTERNACIONAIS IMPERDÍVEIS DO EVENTO.

UM GIRO GLOBAL DAS ATRAÇÕES IMPERDÍVEIS

A ILUSÃO DE UM VERÃO SEM FIM (“*The Illusion of an Everlasting Summer*”), de **Alessandra Sanguinetti (Argentina)**: Vencedor dos Horizontes Latinos de San Sebastián este poema parental registra a vida das primas Guillermina e Belinda ao longo de 25 anos na Pampa rural argentina. Filmada de 1999 a 2024, capta a transição da infância para a vida adulta, a maternidade e as marcas do tempo. O projeto nasceu em paralelo a fotolivros da diretora, revelando a evolução dos corpos e dos laços entre as protagonistas. A produção venceu o Leopardo de Ouro na seção Cineasti del Presente em Locarno.

LADY, de **Olive Nwosu (Nigéria)**: Taí uma jovem diretora que, entre as novas promessas dos veios audiovisuais das Áfricas, conseguiu acesso direto ao Festival de Sundance, com a força de sua estética. Olive conta aqui a saga de uma das poucas taxistas de Lagos, a independente Lady (Jessica Gabriel's Ujah), que economiza cada centavo para tentar construir uma vida longe do caos da cidade. Quando Pinky, amiga de infância que trabalha como profissional do sexo, reaparece em sua vida e lhe oferece emprego como motorista de um grupo de mulheres pelas noites da cidade, Lady aceita com relutância. O julgamento inicial que faz em relação ao grupo vai aos poucos dando lugar a uma sororidade intensa e afetuosa.

MAKING MARIE ANTOINETTE, de **Eleanor Coppola (EUA)**: É danada de grande a saudade que Sofia Coppola sente de sua mãe, a documentarista Eleanor (1936-2024), que, onze anos atrás, acompanhou a filha nas filmagens de seu épico pop sobre Maria Antonieta, em Versalhes, e registrou quase 80 horas de imagens. Retornado pelas duas durante a pandemia e concluído por Sofia após a morte da mãe, o material revela uma jovem cineasta lutando para construir uma visão ousada e pessoal. A atriz Diane Lane narra o longa com base nos diários de Eleanor.

DIYA - O PREÇO DO SANGUE (“*Diya*”), de **Achille Ronaimou (Chade)**: Ferdinand Mbaïssané vira a cabeça da gente do avesso com sua atuação neste misto de drama e thriller. Em N'Djamena, Dane trabalha como motorista de uma ONG humanitária e leva uma vida tranquila com Delphine, sua jovem esposa, grávida de oito meses. Um instante de distração ao volante termina no atropelamento de um menino. Após certa confusão no hospital, ele é informado de que a criança morreu. A família exige a diya — o “preço do sangue”, uma compensação pelo acidente. Para reunir o valor e proteger os seus, Dane parte rumo ao deserto. Ali, tudo é risco.

LAVANDERIA (“*Laundry*”), de **Zamo Mkhwanazi (África do Sul)**: Um es-



Rosebush Pruning

Redentora maratona



Making Marie Antoinette



Lady

tudo sobre paternidade num contexto de silenciamento. Tudo se passa em 1968, quando o dono de uma loja de lavagem de roupas, Enoch (o brilhante ator Siyabonga Shibe), é assolado pela brutalidade de racistas num país que fez o apartheid uma prática de controle. Fiel acólito de um servidor, ele é ludibriado pelas autoridades e acaba preso. Seu filho, jazzista de talento, paga o preço junto.

MARIE MADELEINE, UMA MULHER LIVRE (“*Mary Magdalene*”), de **Gessica Génésus (Haiti)**: Hábil na escrita, na direção e na atuação, esta realizadora haitiana arrebatou Cannes, em maio, com este retrato da resiliência feminina. Na cidade de Jacmel, a garota de programa Marie Madeleine (Gessica) vive de forma totalmente livre e marginalizada pelas regras rígidas da sociedade. Quando seus caminhos se

cruzam com os de Joseph, um jovem e fervoroso crente evangélico, um laço profundamente intenso e improvável surge entre eles.

TENDER LOVING CARE, de **Mike Leigh (Reino Unido)**: Ganhador da Concha de Ouro de San Sebastián, no sábado passado, este drama acridoce virou a coqueluche da hora. Na (aparente) trilha de simplicidade de sua estética, calcada na fala, já testada em “Another Year” (2010), o octogenário artesão autoral inglês registra práticas quotidianas da empatia, mas desloca o seu olhar para uma realidade laboral particularmente ingrata. Amy (Kate O’Flynn) trabalha na proteção de idosos e menores; a amiga Rosie (Alice Bailey Johnson) também pertence aos serviços sociais. As duas atravessam diariamente vidas quebradas, ressentimentos, precariedade e situações em

que cuidar deixou de ser apenas uma virtude para se tornar profissão — uma profissão exercida num sistema público britânico corroído pela falta de apoio institucional. A produção rendeu o prêmio de Melhor Atuação protagonista a O’Flynn no evento espanhol, de onde saiu ainda com o prêmio de Melhor Roteiro.

ROSEBUSH PRUNING, de **Karim Aïnouz (Itália/Espanha/Reino Unido)**: O dinamo cearense de “Madame Satã” (2002) meteu-se na briga pelo Urso de Ouro com este elegantíssimo tratado sobre perversões e rachou opiniões com a opulência com que retrata uma família aristocrática dos EUA, alocada na Espanha e abalada pela perda da matriarca (Pamela Anderson). Fez um “Dallas” cheio de tesão. Incesto, traição e ataques de lobos desenharam essa releitura que o diretor de “Motel Destino”

RODRIGO FONSECA
Especial para o Correio da Manhã

Lotando todas as salas da Espanha onde está em projeção, “A Bola Preta” (“La Bola Negra”), de Javier Ambrossi e Javier Calvo, dará a largada para a 28ª edição do Festival do Rio nesta quinta, no Odeon, demarcando um momento em que o cinema (o nacional e o estrangeiro) acolhe as mais febris lutas contra o avanço do conservadorismo e a intolerância. É um épico queer contra a homofobia.

A maratona cinefila carioca deste ano vai receber um artesão nesse papo, o iraniano Asghar Farhadi, ganhador de dois Oscars de Melhor Filme Estrangeiro (por “A Separação” e “O Apartamento”), cujo cinema celebra sempre a liberdade de sentimentos em instâncias de opressão. Nele, até a prática opressiva do amor vira metáfora para os silenciamentos estatais. Seu belíssimo drama filmado em francês “Contos Paralelos” (“Histoires Parallèles”) fará desfilar a nata europeia (Isabelle Huppert, Vincent Cassel, Pierre Niney) em nossas telas. Nele, debate-se o direito à privacidade, algo que nossa sociedade pode perder a depender de como os rumos das eleições deste domingo hão de se desenhar. Por isso, vale um esforço de correr para o circuito e ver o que mestres como Farhadi têm a dizer.

Sem contar que, a partir desta sexta, começa a seção nacional da micareta cinéfila, a Première Brasil, com a competição pelo troféu Redentor.

O circuito deste Festival do Rio inclui Cine Odeon, Estação Claro Gávea, Estação Claro Rio, Cinesystem Belas Artes, Centro Cultural FGV, Cine Santa Teresa, CineCarioca José Wilker, Kinoplex São Luiz, Reserva Cultural Niterói, Centro Cultural Justiça Federal (CCJF), CineCarioca Nova Brasília, CineCarioca Penha, Parque Realengo Susana Napolini e Areninha Cultural Renato Russo. O Correio da Manhã inventaria aqui algumas pepitas do garimpo de Ilda Santiago e Walkíria Barbosa, as curadoras desta festa audiovisual.

(2024) fez (com elenco internacional classe AA) do cult italiano “De Punhos Cerrados” (1965), de Marco Bellocchio. A fotografia da francesa Hélène Louvart é seu trunfo. O desempenho do dramaturgo e ator Tracy Letts como um patriarca cego assombra.

NO GOOD MEN, de Shahrbanoo Sadat (Afeganistão): Tiraram sarro da diretora artística de Berlim, Tricia Tuttle, logo que o anúncio desta produção para o posto de abre-alas do festival alemão foi divulgado, mas ela bateu bem e ficou no coração da plateia. Sua trama se passa em 2021, quando a protagonista, Naru (a própria cineasta), luta pela custódia do filho, de apenas três anos, Liam, que é fã de leões, sobretudo o “The Lion King” da Disney. Depois de deixar o marido infiel, ela se convenceu de que não existem homens bons no seu país. É pega de



A ilusão de uma noite sem fim



Tender Loving Care



In waves



Hangar Rojo

surpresa, em suas atuais convicções, quando o jornalista mais importante da Kabul TV, Qodrat (o ótimo Anwar Hashimi), oferece a ela uma oportunidade profissional de peso. À medida que os dois percorrem a cidade, sob o fogo dos Talibãs, Naru começa a questionar suas descrenças.

IN WAVES, de Phuong Mai Nguyen (França): De CEP francófono, mas com um coração vietnamita em seu peito (de sua diretora), esse drama com um pé no mar e outro na morte, abriu as alas da Croisette para a animação. Seu pavimento é uma HQ homônima do surfista e artista gráfico AJ Dunto, lançada no Brasil pela Nemo e baseada em uma perda pessoal dele. Um skatista se apaixona por uma surfista, na alvorada da adolescência de ambos, mas tomam “um caixote” do destino, na forma de um tumor.

O HANGAR VERMELHO (“El Hangar Rojo”), de Juan Pablo Sallato (Chile/Argentina): Com um orçamento de US\$ 700 mil e apenas 16 dias para dar conta da tarefa de recriar a América do Sul da década de 1970 na província de Mendoza, na Argentina, este thriller político não contou com o apoio do estado chileno. A marola de dificuldades não limitou seu talento ao rever a saga de um capitão da Força Aérea que enfrentou suas autoridades fardadas durante o golpe que tirou Salvador Allende do Poder, em 1973. É um estudo delicado sobre a psiquê dos militares que rechaçaram ditaduras.

TODOS OS AMANTES DA NOITE (“Subete mayonaka no koibitochi”), de Yukiko Sode (Japão): Um dos achados mais tocantes da mostra Un Certain Regard de Cannes. Em seu enredo, a revisora Fuyuko (papel

de Yukino Kishii) gosta de andar pelas ruas de sua cidade, ali por volta das 0h, cada vez que aniversaria. Um dia, ela tromba com o professor Mitsutsuka (Tadanobu Asano, estrela de “Mortal Kombat”) e passa a ter encontros regulares com ele, até que segredos se deixam notar.

HOPE – O PRIMEIRO IMPACTO (“Hope”), de Na Hong-jin (Coreia do Sul): Filme de monstro, esta joia, que parece uma mistura de John Carpenter (“O Enigma do Outro Mundo”) com “John Wick” foi a iguaria mais polêmica da competição pela Palma de Ouro de 2026. Ao fim de sua projeção, ouviu-se um “Vergonha!” e um “Bravo!” na mesma medida de decibéis. A direção do cineasta responsável por “O Lamento” (2016) e “O Caçador” (2008) esbanja retidão e invenção na forma como conta o jogo de gato e rato dos moradores de uma aldeia que descobrem o corpo esquartejado de uma vaca e, logo, percebem que só algo de outro mundo... e algo bem grande... poderia ter feito aquilo. É eletrizante a cada segundo.

SOUMSOUM, A NOITE DAS ESTRELAS (“Soumsoum, La Nuit des Astres”), de Mahamat-Saleh Haroun (Chade): O Rio vai conferir o novo trabalho de um mestre que fez o cinema chadiano brilhar em Cannes ao conquistar o Prêmio do Júri de 2010 com “Un Homme qui Crie” e voltou à competição francesa com “Grigris”, em 2013, e “Lingui”, em 2021. Em fevereiro deste ano, saiu da Berlinale com o Prêmio da Crítica, votado pela FIPRESCI, a Federação Internacional de Imprensa Cinematográfica, por esta produção cheia de magia. Em sua audaciosa observação da convivência possível entre o mistério e o realismo neste mundo, o cineasta acompanha as angústias de uma jovem dotada de poderes sobrenaturais numa África intolerante.

CLUB KID, de Jordan Firstman (EUA): Imagine um promotor de festas queer, daquelas mais bombadas, com “almôndegas” humanas para todos os gostos, regadas a pó, descobrir que, de sua única transa com uma mulher, uma “rapidinha” num corredor de boate, nasceu um menino – e o guri é um fofo. A mãe suicidou-se. Caberá a ele, que leva uma rotina de excessos, cuidar do menino nesta trama que virou frisson no Festival de Cannes e repetiu a dose em San Sebastián. Jordan escreve, produz, dirige (numa estreia impecável) e atua bem pacas.

JIM QUEEN, de Marco Nguyen e Nicolas Athané (França): É duro não morrer de saudades do diretor e ator Jorge Fernando (1955-2019) e de seu trabalho na série “Macho Man” (2011) em frente a este desenho animado queer hilário. Na trama, uma doença nova, chamada heterosis, faz os gays do mundo agirem em modo hétero. Piadas com supositórios, que soariam homofóbicas, viram bem divertidas no roteiro, em especial quando um influencer ursão tenta se curar dessa moléstia.



AFFONSO NUNES

Na 28ª edição do Festival do Rio, que ocupa as salas da cidade de 1º a 11 de outubro, a *Première Brasil* selecionou 110 títulos entre quase 1.500 inscritos, com 45 deles disputando o Troféu Redentor. Em meio a essa safra, um filão se destaca pela densidade: a música brasileira transformada em documentário. Oito obras atravessam a mostra principal — duas em competição, cinco na mostra Retratos e uma em hors-concours —, além de uma série, e traçam, juntas, um mapa que vai do funk carioca à jazz-fusion, dos anos 70 à era dos streaming.

Na competição de documentários, dois pesos pesados. Em *“Elza”*, de Eryk Rocha, é a própria Elza Soares quem narra o filme: um diário tecido por memórias, desejos e reflexões a partir da música, em confluência com filmes brasileiros históricos. Pela voz radical, a improvisação visceral e a rouquidão inconfundível da mulher do fim do mundo, o longa chega a uma radiografia do país em quase um século de vida dela. *“Alucinação”*, de Marcos Caetano, Renato Terra e Leo Caetano, parte do cancionário antológico de Belchior — *“Como Nossos Pais”*, *“Rapaz Latino-americano”*, *“Sujeito de Sorte”*, *“Velha Roupa Colorida”* — para reviver as cores e os confi-



‘Elza’, de Eryk Rocha, é um dos destaques entre os documentários da *Première Brasil*

Vozes do Brasil na telona

Documentários sobre Elza Soares, Belchior, Aldir Blanc, Maria Alcina, Flora Purim e Airto Moreira, Alceu Valença, Ney Matogrosso e Marília Mendonça integram a *Première Brasil* do Festival do Rio

tos dos anos 70 e colocar a pergunta que ecoa até hoje: em que momento acabaram as utopias e começaram as distopias?

A mostra Retratos abre o álbum de recordações. Tem *“Aldir Blanc – Resposta ao Tempo”*, de Marcus Fernando e Hugo Sukman. *“Alegria Brasil*, estrelando Maria Alcina,

de Elizabete Martins Campos, faz a cantora atravessar a própria tela de cinema e se projetar num portal atemporal, revisitando a trajetória que se cruza com a história do Brasil. *“Flora & Airto: O Som Revolucionário”*, de Jom Tob Azulay, resgata o casal Flora Purim e Airto Moreira, pioneiros da jazz-fusion que mar-

caram a música brasileira e mundial a partir dos anos 70, entrelaçando passado e presente durante uma gravação nos dias de hoje. E *“Vivo 76”*, de Lírio Ferreira, volta a 1976 para decompor o terceiro álbum de Alceu Valença, o *“Vivo!”*, retratando o nascimento da cena psicodélica pernambucana, seus personagens fan-

tásticos e os primeiros voos rumo ao Rio e ao sucesso.

Na vitrine das séries, *“Marília Mendonça: Sentimento Louco”*, de Susanna Lira, persegue uma pergunta simples e incômoda — o que torna uma garota comum do coração do Brasil um fenômeno? A série acompanha, por imagens, áudios e entrevistas inéditas, a ascensão meteórica da cantora que começou a carreira num posto de gasolina. E, em hors-concours, *“Ney por Trás das Máscaras”*, de Esmir Filho com direção convidada de Thais Guisasa, segue Ney Matogrosso durante a preparação do desfile da Imperatriz Leopoldinense, transformando o Carnaval em território de descobertas sobre identidade, liberdade e finitude — um Ney íntimo, revisitando as escolhas que o moldaram.

Entre um documentário e outro, a ficção confirma a simbiose: *“Funk”*, de Aly Muritiba, acompanha a funkeira MC Sabrina no Morro dos Prazeres, filha de uma pioneira que perdeu tudo, disputada por um produtor que exige dela a renúncia às próprias raízes. Juntas, as obras de diferentes gerações, gêneros e cidades lembram que a canção brasileira sempre foi documento — agora, também, é fatura.

SERVIÇO
FESTIVAL DO RIO 2026
De 1º a 11 de outubro, em salas de todo o Rio
Programação: <https://www.festivaldoriorio.com.br/br/programacao>
Ingressos a R\$ 32 e R\$ 16 (meia); pacote de 8 ingressos por R\$ 96 e de 4 por R\$ 52; sessões populares de manhã e tarde no Cine Odeon a R\$ 10 (www.ingresso.com)

LINHAS DE FUGA

por ERIK DE CASTRO*

Brasil, no fundo do poço. Dum poço sem fundo. Largado no Mundo. À deriva, flutua... Flertando com a morte. A minha, a sua. Brinca com a Sorte - a nossa sorte... Estabelece o Caos.

Brasil... em Deus sobrevive?

Alguma crença resiste? Mas seu Povo, esse sim vive e revive, Sobre Vive, labuta. De noite e de Dia.

Brasil...

Voltará como a Fênix? Ressurgirá um Leão?

Desafiará seu destino? Perecerá um gatinho?

A tempestade... ela passa? Algo impede a tragédia?

Num oásis de fé... Num flow de maré...? Alguma outra maré?

Ou será... Seu fim derradeiro...?

Brasil, Amado Brasil...

Vamos ver, perceber. Enxergar e sofrer... Um sentido no Todo, que sem sentido parece.

Mas que no fim, prevaleça, a razão



Imagem gerada com a IA GPT Image 2

O Brasil e você: o ser-humano cidadão

de se Ser.

Apesar dos pesares, aproveite - ao menos tente - a viagem terrena... À luz dos estoicos - um antigo ditado - pra eu e você: “Resista. Avance. Viva. Você não está aqui para sempre”. Ou, simplesmente: cague, ande e morra.

Mas antes de tudo, antes disso, do fim:

Vote consciente...

Do seu jeito, seu modo.

Só você e você.

A quase impossível mudança... Mesmo demorada mudança... Pode

vir por aí?

Até hoje não veio, cada um piorou, a seu modo piorou - todos aqui pioraram - o que filósofos e pensadores em longínquos tempos tentaram, imaginaram, sonharam... Mas não conseguiram, no Todo, atingir:

Gandhi, Jesus, Martin Luther King Jr. e afins... A Madre Teresa, Dorothy Stang? Os gente boas da História, onde é que eles estão? Voltem, ressurgam - iluminados revolucionários que são - coloquem a cabeça para fora... Um dia, geralmente, eles cortam... Mas até lá, um pouco mais avançamos, à Luz de Vocês...

Cadê vocês, queridos, queridas...? Salvem o Mundo, O Brasil e Você...

Não precisamos, porém, por Eles esperar:

Pois Eles somos Nós.

Conscientes e pnipresentes.

Seres humanos. De dever cidadão.

***Cineasta**

Aquele abraço **no Aldir**

Guinga, Moacyr Luz e Zé Renato celebram os 80 anos do letrista no espetáculo ‘Aldir Blanc – 80 Anos’ no Teatro Rival Petrobras

AFFONSO NUNES

Guinga, Moacyr Luz e Zé Renato dão, nesta quinta-feira, 1º de outubro, às 19h30, aquele abraço em Aldir Blanc — ao vivo, no palco do Teatro Rival Petrobras, no espetáculo inédito “Aldir Blanc – 80 Anos”. O compositor, que completaria 80 anos em 2026, merece um reencontro à altura: três músicos que o conheceram, cantaram com ele e continuam cantando como ele ensinou. O repertório inclui “De frente pro crime”, “Kid Cavaquinho”, “Só Dói Quando Eu Rio”, “Coração do Agreste” e “Chá de Panela” — joias de um dos mais emblemáticos letristas da nossa canção popular. Aldir Blanc Mendes nasceu no Rio em 2 de setembro de 1946. Formado em medicina, exerceu a psiquiatria — e, nos anos de chumbo, prestou serviço ao DOPS, episódio que ele próprio revisitou, sem se poupar, quando a história veio à tona. A parceria com João Bosco,



Guinga, Moacyr Luz e Zé Renato preparaream um show inédito com o repertório memorável de Aldir

iniciada no começo dos anos 1970, rendeu a “O Mestre-Sala dos Mares” a atenção da censura: proibida, a canção só foi liberada depois que o duo trocou dois versos. Com João

Bosco, Aldir ainda compôs “Incompatibilidade de Gênios”, “Bala com Bala” e “Fio da Navalha” — esta última empatou em primeiro lugar num festival com “Disparada”, de

Geraldo Vandré, e fez Elis Regina chorar de rir no júri ao anunciar o resultado. Sua lista de parceiros inclui, além de Hoão Bosco nomes como Maurício Tapajós, Carlos

Lyra, Cristóvão Bastos e os próprios Guinga e Moacyr Luz. Guinga e Moacyr Luz foram parceiros de Aldir em clássicos como “Catavento e Girassol” e “Saudades da Guanabara” — canções em que o letrista descreveu a cidade como ninguém. Zé Renato, um dos grandes intérpretes da nossa música, já se debruçou várias vezes sobre esse cancionário, e o entrosamento dos três promete um show intimista, dinâmico e cheio de histórias — o tipo de roda em que cada música vem acompanhada de uma lembrança. Aldir morreu em 20 de dezembro de 2020, vítima de covid-19, aos 74 anos, no auge de uma segunda juventude criativa, com crônicas publicadas e shows tributo pipocando. O médico que diagnosticava a cidade em versos completa 80 anos com sua obra cantada por três dos seus melhores leitores. Que deem o abraço. Aquele.

SERVICO
GUINGA, MOACYR LUZ E ZÉ RENATO - ALDIR BLANC 80 ANOS
Teatro Rival Petrobras (Rua Álvaro Alvim, 33, Cinelândia)
1/10, às 19h30
Ingressos a partir de R\$ 50

ROTEIRO MUSICAL

POR AFFONSO NUNES

Experimentos sonoros e visuais no BNDES

O percussionista Sérgio Krakowski apresenta o projeto “Boca do Tempo”, inspirado no álbum homônimo nesta quinta (1), às 19h, no Espaço Cultural BNDES. No palco, o pandeiro controla, por meio de softwares criados pelo artista, projeções visuais e efeitos sonoros em tempo real. A apresentação une percussão, voz, palavra, eletrônica e imagens em torno de temas como tempo, memória, ancestralidade e resistência cultural. Grátis.



Divulgação

Discípulo de Hermeto e seu quarteto

O baixista Itiberê Zwarg apresenta o Itiberê Zwarg Quarteto no Centro da Música Artur da Távola, na Tijuca, nesta quinta (1), às 19h. Com carreira de mais de 50 anos na música instrumental — 40 deles ao lado de Hermeto Pascoal —, o músico é considerado seu maior discípulo e principal propagador da Música Universal, conceito criado por Hermeto. R\$ 40 e R\$ 20 (meia).



Divulgação

Tchep Tcherep mostra suas criações

O coletivo de compositores Tchep Tcherep faz sua estreia no palco do Manouche nesta quinta (1), às 21h. O grupo, formado por oito compositores, nasceu de um coro criado por Ilessi (foto) para o disco de Mú Mbana, cantor da Guiné-Bissau. O nome vem de uma canção de Maio Coopé e, sem sentido definido, busca provocar pela musicalidade e pela ancestralidade. R\$ 140 e R\$ 70 (meia).



Divulgação / João Atala

Uma noite de black music e samba-rock

O baterista Wilson Meireles estreia o show-tributo BenMo-nal, ao lado do músico Pedro Holanda, nesta quinta (1), às 20h, no Beco das Garrafas. Um dos precursores do samba-jazz, com mais de 50 anos de carreira e trabalhos com Gilberto Gil, Tim Maia e Banda Black Rio, Meireles celebra o repertório de Wilson Simonal e Jorge Ben, mergulhando nas raízes do samba-rock e da black music brasileira. R\$ 70.



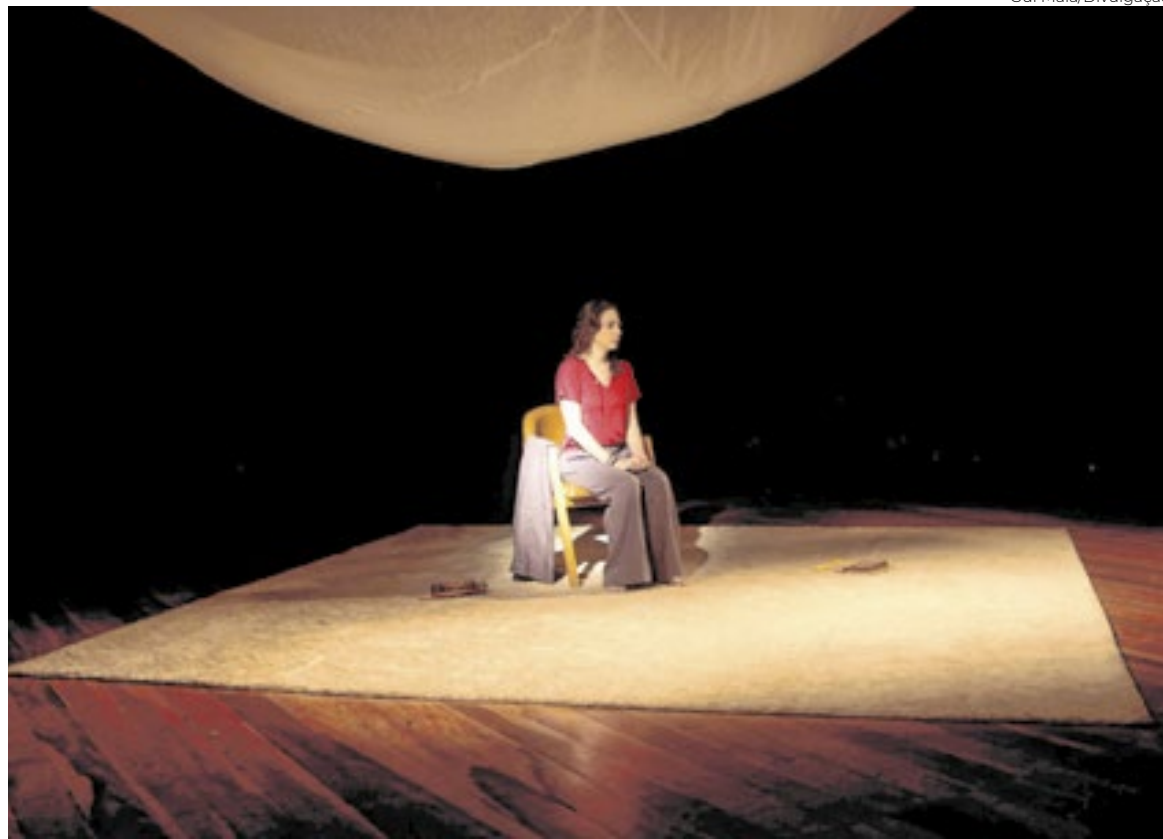
Divulgação

O consultório no front de guerra

Finalista do Prêmio Jabuti 2023, o monólogo 'Selvagem', adaptação do romance de Marília Passos, reestrea na Casa de Cultura Laura Alvim

O monólogo "Selvagem" ocupa a Casa de Cultura Laura Alvim, em Ipanema, para sua segunda temporada no Rio. Sua personagem é Mariana, obstetra brasileira que deixa casamento, consultório e país para se voluntariar numa missão dos Médicos Sem Fronteiras no Sudão do Sul. Sozinha no palco, a atriz Gabriela Rosas sustenta uma história que se passa a milhares de quilômetros dali, num país devastado pela guerra civil.

O romance que deu origem à peça foi publicado em 2022 pela Editora Labrador e, no ano seguinte, foi finalista do Prêmio Jabuti, na



Gabriela Rosas em cena no monólogo 'Selvagem', de volta aos palcos cariocas

categoria Romance de Entretenimento. Para Marília Passos — campeira que estudou teatro, dança e literatura, foi atriz antes de se dedicar à ficção e lançou em 2024 seu romance seguinte, "Do Mar, o Sonho" —, o ponto de partida foi simples de enunciar e difícil de sustentar.

"A ideia nasceu do desejo de contar uma história de amor ambientada em um lugar extremo. O Sudão do Sul surgiu justamente por reunir tragédia e força, violência e encantamento. Mas, ao longo da

escrita, percebi que essa era, acima de tudo, a história de uma mulher que encontra coragem para romper com uma vida infeliz e descobre que a transformação que procura não está no outro, mas dentro de si", descreve a autora. "A adaptação do livro para a peça foi muito rica. Novas camadas e leituras surgiram ao longo desse percurso. A criação nunca termina", completa.

Em cena, a nova rotina de Mariana desdobra-se num ambiente violento, hostil e imprevisível,

onde a médica vive uma paixão arrebatadora por Nino, médico brilhante e enigmático que lhe oferece outra forma de enxergar o mundo e a si mesma. A trama discute também as violências e os limites impostos ao corpo feminino e as complexidades da maternidade. O formato de monólogo aperta o círculo: sem parceiros de cena para dividir a atenção, a vulnerabilidade da personagem vira matéria-prima da relação com a plateia, que acompanha de perto o passo a passo de

uma decisão de pôr a própria vida de ponta-cabeça.

"O que mais me emociona ao interpretar Mariana é acompanhar a coragem dela de sair de uma vida estável e se lançar ao desconhecido em busca de se sentir viva novamente. Ao enfrentar situações extremas, inclusive no amor, ela encontra força para seguir em frente e transformar a própria história. Queremos que o público seja atravessado por essa trajetória e saia do espetáculo refletindo sobre seus medos, desejos e sobre a coragem necessária para mudar a própria vida", destaca Gabriela Rosas.

Na direção, Fernando Philbert delimita o território da montagem: o centro não é o front de guerra, e sim a mulher cercada por ele. "O foco da peça não é a guerra nem a violência em si, mas a transformação dessa mulher. O que nos interessava era acompanhar essa virada de chave, a descoberta de uma nova forma de viver e de amar. Ao mesmo tempo, o espetáculo aborda questões femininas muito importantes, como a maternidade, a sobrecarga mental e as pequenas violências cotidianas", reflete.

SERVIÇO

SELVAGEM

Casa de Cultura Laura Alvim (Av. Vieira Souto, 176, Ipanema)
De 3 a 25/10, sextas e sábados (20h) e domingos (19h)
Ingressos: R\$ 60 e R\$ 30 (meia)

O direito de hesitar

Com texto e atuação de Marcéli Torquato, o solo cômico 'Duvido' investiga a dúvida hamletiana como força criativa

Vivemos em uma sociedade que valoriza histórias de superação, decisões rápidas e confiança inabalável. "Duvido" parte do contrário. O monólogo restreia nesta sexta-feira (2) na Sede da Cia dos Atores, na Lapa. Com texto e atuação de Marcéli Torquato e direção de Camila Nhary, a peça nasceu da vontade de investigar a dúvida como força criativa e propor um espaço onde se desconfia das certezas.

A dramaturgia parte do grande arquétipo que a hesitação ocupa na literatura ocidental: Hamlet, de William Shakespeare, por exemplo, se deixa atravessar pela hesitação persistente e especula até as últimas consequências o preço de agir e o de não agir. Na trama de "Duvido", temos uma atriz espera Hamlet, que está atrasado. Enquanto ele não chega, o palco se transforma em aeroporto, casa e pensamento.



Marcéli Torquato: 'Esta é uma peça de perguntas sem respostas'

Entre malas, voos e perguntas, o solo percorre histórias de infância, maternidade, amor, medo, luto e desejo, costurando textos clássicos

de Shakespeare com temas contemporâneos. Hamlet desvenda um assassinato por meio de uma peça de teatro; em "Duvido", o teatro também é motor, mas aqui para ensaiar a vida — lugar onde a personagem se sente segura, com tudo ensaiado.

"A peça mostra a saga de uma mulher que está diante do público em busca de validação, esperando que alguém diga para ela o que fazer, como seguir, o que vestir. Acredito que é uma busca que todos nós fazemos enquanto passamos pela vida, buscamos nossos espelhos, nossos pares, nos entendemos e nos encontramos nos outros", descreve Marcéli Torquato. "Esta é uma peça de perguntas sem respostas, um elogio a seguir em frente catando cavaco, de seguir sem certezas. A certeza sempre é uma aposta", completa.

A direção é estreia de Camila Nhary, atriz e uma das fundadoras

do Bando de Palhaços, grupo carioca criado em 2010. "Em tempos de fake news, de redes sociais, filtros e procedimentos estéticos, passamos a duvidar de nós mesmos, das nossas verdades, dos nossos reais desejos e necessidades, da nossa sanidade. O mundo atual, com excesso de informação, nos traz muito mais dúvidas do que certezas", analisa. "O espetáculo provoca a dúvida no espectador o tempo inteiro, colocando tudo que é apresentado a ele em xeque. Tudo pode ser verdade, e as verdades se tornam mentira num piscar de olhos", acrescenta.

SERVIÇO

DUVIDO

Sede da Cia dos Atores (Rua Manuel Carneiro, 12 — Santa Teresa)
De 2 a 25/10, sextas e sábados (20h) e domingos (19h)
Ingressos: R\$ 60 e R\$ 30 (meia)

ARTIGO

PAULA MARTINEZ MELLO

jornalista e secretária do Conselho Estadual dos Direitos da Mulher do Rio de Janeiro - CEDIM

Divulgação

O que é ser um ser humano?



'O Nome do Rato' também provoca um imenso incômodo. Não é um olhar distante sobre pessoas em situação de rua. É uma peça sobre nós, sobre a maneira como olhamos para quem está na rua

O impacto de “O Nome do Rato”, dirigida por Ricardo Santos e Deisi Margarida, é de avassalar a alma... além de embatucar ideias. A peça traz Ricardo também em cena, conduzindo pelas vias da graça e da glória um monólogo em uma atuação precisa e emocionada.

Sai do Teatro Glaucê Rocha, no Centro do Rio de Janeiro, com um misto de surpresa (diante da potência da encenação), de orgulho (por conhecer um artista tão profundamente envolvido com causas verdadeiramente humanas) e, confesso, de horror diante da capacidade de barbárie de alguns — ou de muitos.

É a barbárie dos que carregam a aparência de seres humanos, mas que, diante da dor do outro, parecem ter perdido a capacidade de reconhecer a própria humanidade.

A proposta dramática, de Carolina Lavigne e do onipresente Ricardo me lembrou muito “Os Olhos dos Pobres”, de Charles Baudelaire. Nessa poesia em prosa, a noite de um casal é marcada pela presença de pessoas em mendicância: enquanto o homem se sensibiliza, a mulher reage com incômodo e rejeição, e essa falta de empatia acaba estragando a noite.

“O Nome do Rato” também pro-

voca um imenso incômodo. Não é um olhar distante sobre pessoas em situação de rua. É uma peça sobre nós, sobre a maneira como olhamos para quem está na rua. Sobre como passamos por essas pessoas todos os dias sem realmente enxergá-las. E sobre como é fácil transformar uma vida em número, estatística, problema urbano ou questão de segurança.

O teatro documental se mistura ao teatro de objetos, às histórias pessoais do ator, aos relatos reais, aos dados e às experiências de quem conhece essa realidade. Objetos ganham novos significados. Dor vira prosopopeia.

Na trama, Marcel, o pedreiro, é representado por uma marmita e sua amada por um elegante sapato de saltinho, que nas mãos do titereiro em cena, contam uma das histórias que compõem o espetáculo. A cadeira, que me pareceu uma referência ao lendário diretor Aderbal Freire-Filho, também ganha novos sentidos ao longo da peça. Em um momento, por exemplo, vira uma coberta para aquecer o jovem Jordhan, expulso de casa pelo preconceito e pela intolerância da própria família.

O espetáculo segue propondo um questionamento que vai ficando cada vez mais pesado sobre cada um de nós: O que é ser um ser humano?

A pergunta faz parte da própria experiência de Ricardo que, durante uma performance proposta pelo artista argentino Fernando Rubio, passou cinco

dias dentro de uma casa cenográfica, sendo observado pelas pessoas e interagindo com elas. Foi nesse processo que alguém lhe fez essa pergunta, aparentemente simples, mas que, depois de assistir a “O Nome do Rato”, deixa de ser, pois somos levados a enxergar situações em que a humanidade parece desaparecer justamente daqueles que, socialmente, deveriam ser exemplos de “cidadãos de bem”.

As histórias se sucedem na atuação de um Ricardo que domina a cena: amor, sonhos e realizações se misturam a situações de abandono e preconceito, revelando como a pobreza pode significar humilhação e exclusão. E então, um urro vindo das profundezas da dor traz Léo, que se materializa diante de nós. Uma das pessoas cujas histórias atravessam o espetáculo, Léo já viveu em situação de rua mas, quando sobe ao palco, deixa de ser personagem ou estatística. É Léo, contando a própria história.

É um momento de enorme força. Ele, ali, presente, vivo, de pé, cabeça erguida, digno, diante de uma plateia obrigada a olhar para além dos estigmas.

E é aí que o espetáculo ganha ainda mais força: provoca encontro, escuta e reflexão.

Os números são importantes, necessários, mas nenhuma estatística consegue olhar nos olhos. Léo consegue.

As pessoas em situação de rua sofrem com a violência, a falta de higiene, a vergonha, a fome... também sofrem demais de sede, você já havia pensado nisso? Nem eu...

Por isso que “O Nome do Rato” é tão difícil de esquecer. Porque nos mostra — de forma inequívoca — que, por trás de cada pessoa que vemos na rua, existe uma história. Um nome. Afetos. Perdas. Sonhos. Medos. Possibilidades. Tudo igualzinho à nós mesmos.

Ser realmente um ser humano talvez seja, antes de tudo, reconhecer humanidade no outro — mesmo quando ele perdeu quase tudo, mesmo quando está invisível aos olhos da sociedade, mesmo quando já não sabemos ou não queremos saber sua história.

Essa é uma das maiores potências de “O Nome do Rato”: fazer-nos olhar para aquilo que aprendemos a não ver.

Ricardo Santos é ator, diretor, dramaturgo e professor, com mais de 30 anos de trajetória dedicada ao teatro e às questões humanas e sociais. Em 2019, foi indicado ao Prêmio Shell de Teatro na categoria Direção pelo espetáculo “O Rinoceronte”, de Eugène Ionesco.

“O Nome do Rato” foi convidado para a 12ª edição do Festival Midrash de Teatro, realizado anualmente no Rio de Janeiro e reconhecido por reunir diferentes linguagens, estéticas e visões de mundo.

SÓ CARIOQUICES

por
FRED SOARES
@FREDAOSOARES

Toda calçada tem um Pituca pra nos ensinar algo

Saí de madrugada atrás de suco de tangerina em um dia da semana passada. Coisa de quem passou a vida em redação e nunca aprendeu a dormir em hora de gente. No Rio sobraram poucos supermercados que ficam abertos a noite inteira, e eu conheço um deles de olhos fechados, ali na Rua Machado de Assis, no Flamengo.

Já na saída, com as garrafinhas geladas na mão, ouvi o grito. Do outro lado da calçada, um homem em situação de rua esbravejava contra um ex-comandante de algum grupamento militar sediado na cidade. Xingava o sujeito de todos os jeitos que a língua permite, e a

língua permite muitos. Eu, bem acompanhado naquela noite, fiquei parado tentando decifrar a mensagem que vinha embrulhada nos gritos. Nome, patente, batalhão: nada. Não descobri contra quem era aquela raiva.

Descobri outra coisa, e essa me acompanhou até em casa. Aquele homem tinha uma história. Provavelmente dura, possivelmente traumática, mas uma história. Ninguém grita daquele jeito por nada. Afinal, todos têm uma história. Todos temos.

A minha, por exemplo, tem um capítulo que começa num portão de garagem. Era 1992, e eu tinha acabado de ganhar a carteira de motorista e um Gol branco, sem ar-condicionado, pago em 24 prestações que eu chamava de liberdade. Voltava da faculdade e das boemias com a aurora de braço dado comigo, e abria a garagem à mão.

Ele estava sempre lá, sentado no chão, à direita da entrada, na Rua Edmundo Lins, em Copacabana. Roupas remendadas, cheiro de cachaça da véspera e um bom dia que eu nunca ouvi igual. Chamava-se Pituca. Pelo menos era assim que atendia.

No começo, deixava uns trocados. Achei que era isso que ele queria. Demorei semanas para



Divulgação

Aquele homem
tinha uma
história.

Provavelmente
dura,
possivelmente
traumática, mas
uma história

entender que o pedido era outro: alguém que o ouvisse. Passei a incluir a resenha com o Pituca no roteiro da noite, depois do último papo de bar e antes da cama. Ele nasceu e

cresceu no Catete. Casou cedo com uma mulher por quem era louco, teve filhos, teve uma vida confortável. Um dia o

amor dela acabou. O dele, não. Ela foi embora e levou as crianças, e sobrou a pinga, dois dedinhos de cada vez, até a rua virar endereço.

Nunca o convenci de nada. Tentei, ele sorria, e a conversa seguia. Acabei aprendendo a respeitar. Em troca, ganhei um guarda-costas de canivete reluzente na mão esquerda, de plantão até eu trancar o portão. Vagabundo nenhum se criou perto de mim enquanto o Pituca esteve ali.

Anos depois, virei estagiário do JB e passei a esperar as rotativas cuspirem o jornal do dia seguinte. Levava exemplares pra minha mãe, pro porteiro, pro papagaio. Pituca reparou na pilha no banco do carona. Disse que não lia jornal desde que saíra de casa, sabia que as notas de dinheiro mudavam toda hora, que o último presidente de que se lembrava tinha cara de bravo e nome de alemão. E pediu

um exemplar. “Eu sei ler”, avisou, com um orgulho que me desarmou. Virou missão diária. Ele leu jornal quase todo dia até 2009, quando mudei de apartamento e nunca mais o vi. Depois soube que tinha partido.

Lembrei dele diante do homem da calçada no Flamengo. Não sei que fardas cruzaram o caminho daquele grito. Sei que o tempo do Pituca também passou por um presidente de cara brava, e que ele não tinha casa para onde voltar.

O Pituca teria atravessado a rua. Eu fiquei do meu lado, com a garrafa de tangerina suando na mão, ouvindo. É pouco, eu sei. Mas foi ele quem me ensinou que ouvir já é começar.

“Eu sei ler”, dizia o Pituca, cheio de orgulho. Eu ainda sei, mesmo quando a letra vem aos gritos, de madrugada, do outro lado da rua.

Salve Pituca. Salve todo o povo da rua!